

Bolsa sugere nova política cambial

A decisão do Banco Central de cobrar IOF sobre captações de recursos no Exterior e sobre investimentos em debêntures no Brasil não é suficiente para tirar a atratividade da aplicação no País, afirma Emílio Garófalo, ex-diretor da Área Internacional do BC. Segundo ele, o diferencial entre os juros internos, acima de 20% ao ano, e os externos, de 6% ao ano, ainda é maior que o IOF de 3% e 5%. Ele acredita que a medida vai favorecer a entrada de recursos para bolsas de valores, isentas do novo IOF.

Garófalo afirma, porém, que o País precisa mudar sua política cambial, de restringir a entrada de capital, de maneira a aproveitar a grande oferta de investimentos internacionais disponíveis. Esse é o ponto de partida do estudo patrocinado pela Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) e entregue na quinta-feira ao ministro da Fazenda pelo presidente da bolsa, Álvaro Augusto Vidigal. O estudo, preparado por Garófalo, especialista em câmbio, e pelo

economista Ailton Coentro Filho, sugere que o Brasil adote um programa de abertura gradual do mercado de câmbio, que diminua a necessidade do BC comprar dólares. "Esse modelo foi criado em uma conjuntura onde obter investimentos era difícil, o que exigia a atuação firme do BC", diz Coentro Filho. Hoje, afirma, a situação é inversa; sobram capitais e o País não pode abrir mão deles. Estima-se que quase US\$ 2 trilhões de recursos circulem no mercado mundial à procura de oportunidades.

Na Proposta de Mudança do Modelo Cambial, os técnicos sugerem a abertura em etapas do mercado de câmbio — primeiro, contas em dólar para exportadores, importadores e instituições financeiras; depois, liberação das compras de dólar para fundos de pensão e de investimento; liberação de aplicações em dólar para pessoas jurídicas; compra por pessoas físicas; autorização para a criação de fundos para aplicação no Exterior.